

A escolha do curso de pedagogia em contexto de esvaziamento da educação e da carreira docente: entre pertencimentos, (im)possibilidades e reconhecimentos

The choice of the pedagogy course in the context of emptying education and the teaching career: between belongings, (im)possibilities and recognitions

La elección del curso de pedagogía en el contexto del vaciado de la educación y de la carrera docente: entre pertenencias, (im)posibilidades y reconocimientos

*Luciana Ponce Bellido¹
Maria Izabel Machado²
Marta Maria Valeriano³*

 <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2024v16n38pe16156>

Resumo: Buscou-se apreender as relações estabelecidas com o espaço universitário e a escolha de estudantes ingressantes pelo curso de Pedagogia. Perpassamos caminhos diversos, dentre os quais, destacamos como centrais, os afetos de reconhecimento e pertencimento.

Palavras-chave: Carreira Docente; Pedagogia; Relações de afeto; Pertencimento.

Abstract: Looked for to recognize the relationships established with the university space and the choice of students entering the Pedagogy course. We traversed different paths, among which we highlight as central the affections of recognition and belonging.

Keywords: Teaching Career; Pedagogy; Affection relationships; Belonging.

¹ Docente da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1102818501113037>.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6888-9940>. Contato: luciana.ponce@unesp.br

² Docente da Universidade Federal de Goiás (UFG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5727858375243141>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8148-6062>. Contato: mariaizabelmachado@ufg.br

³ Membro do laboratório de pesquisa DataUFG. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3192967733292717>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5922-0268>. Contato: mmvaleriano2015@gmail.com

Resumen: Buscamos aprovechar las relaciones que se establecen con el espacio universitario y la elección de los estudiantes que ingresan a la carrera de Pedagogía. Recorrimos diferentes caminos, entre los, que destacamos como centrales, los afectos de reconocimiento y pertenencia.

Palabras clave: Carrera Docente; Pedagogía; Relaciones de afecto; Pertenencia.

1 APRESENTAÇÃO

Exercer a docência no ensino superior, em especial com turmas ingressantes, nos coloca em situação privilegiada de acessar os sonhos, as inquietações e aspirações de jovens que chegam à universidade com muita energia transformadora. Contudo, a experiência de participar do processo de matrícula dos estudantes aprovados pelo SISU (Sistema de Seleção Unificada), na Universidade Federal de XXXX⁴, no ano de 2022 nos deixou em estado de alerta: no primeiro ciclo, quando são convocados os estudantes aprovados em primeira chamada, apenas 70% das vagas em geral foram preenchidas, e no caso do curso de pedagogia cerca de 50%.

Do longo percurso na educação básica à realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), muitos são os obstáculos a serem transpostos, em especial por estudantes oriundos de famílias de trabalhadores, perfil predominante dos estudantes na XXXX, em que, de acordo com pesquisa realizada pela Associação Nacional dos Dirigentes do Ensino Superior (ANDIFES, 2019), 75,5% possuem renda mensal familiar per capita de até 1,5 salários mínimos. A aprovação, nesse contexto, significa comumente o sonho realizado de uma família inteira, acalentado, em muitos casos, por gerações.

Frente a isso, causou perplexidade o alto índice de abstenções na efetivação do vínculo acadêmico, que, analisado à luz do decréscimo participativo no ENEM nos últimos anos, levou-nos a perguntar sobre o desalento que tem acompanhado a população em geral, em particular, os jovens.

Certamente que a pandemia da *COVID-19*, doença infecciosa causada pelo vírus *SARS-CoV-2*, que chegou ao Brasil em março de 2020, quando se registrou o primeiro caso da doença no país, descortinou e intensificou desigualdades que historicamente marcam a sociedade brasileira. No transcorrer de mais de dois anos de pandemia, incontáveis perdas se acumularam; perdas humanas, sociais, econômicas e políticas. Contudo, o que chamamos aqui de desalento está profundamente imbricado com elementos estruturais relacionados ao recuo do emprego, à retirada de direitos e ao

⁴ Nome da instituição foi suprimido neste momento prezando pelo sigilo da autoria.



avanço de políticas e políticos (ultra) liberais que em muito contribuíram para o esvaziamento da educação como direito humano em direção à uma agudização de sua instrumentalização mercadológica.

Em um cenário sublinhado pelos impactos da pandemia que também se refletem em desemprego, inflação e queda na renda das famílias (MATTEI, HEINEN, 2020), a educação escolar, que nesse período precisou adaptar-se às novas condições impostas pela quarentena, também registrou índices preocupantes.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD Contínua), em Brasil (2021) o percentual de crianças entre 6 e 7 anos que não sabiam ler e escrever era 40,8%, o equivalente a 2,4 milhões de crianças, um milhão a mais do que o registrado em 2019. Entre as crianças negras o percentual é ainda maior, 47,4%. Além do déficit de aprendizagem, registrou-se no período a diminuição do número de matrículas na rede básica de educação, caindo de 47,8 milhões em 2019 para 47,2 e 46,6 milhões em 2020 e 2021 respectivamente. Um total de 1.205.845 matrículas a menos em 2021 em comparação à 2019. A educação superior também apresentou queda no número de estudantes matriculados em cursos de graduação em 2020 em comparação à 2019. Na rede pública a queda foi de 6,4% e na rede privada 11%. Por outro lado, matrículas na rede privada de ensino superior à distância aumentaram 26% de 2019 para 2020, apontam dados do Censo da Educação Superior de 2020.

Especificamente na XXX, é importante ponderar que houve uma redução de 5% no número de estudantes matriculados em 2021, conforme dados anunciados em reportagem pelo ex-reitor XXX. Pondera-se o crescente número de estudantes que trancaram matrículas nesta instituição, em torno de, 900, no segundo semestre de 2019, para, cerca de, 1.800, no segundo semestre de 2020. Representando um aumento de, aproximadamente, 90% de trancamentos, os quais, requerem considerar aspectos políticos importantes expressos no significativo corte orçamentário da instituição, o que implicou em 2021 na redução de 600 bolsas de estudos comprometendo a permanência daqueles que dependem das mesmas.

Os dados indicam um cenário em transformação, em que importantes desafios para a educação pública no país são (re) colocados em pauta. É certo que a pandemia aglutinou, desencadeou e intensificou desigualdades educacionais e mudanças na educação brasileira, sua análise e compreensão, no entanto, atravessam a observação de um conjunto de fatores estruturais como crescimento da precarização e informalidade, aumento do custo de vida e dos níveis de pobreza da população (GOMES et al., 2021).

Num contexto em que as condições objetivas de vida marcam a relação com o acesso ao ensino superior de uma parcela de crianças e jovens a partir do esvaziamento e da ausência das vivências escolares e universitárias, constitui-se como lócus de análise privilegiado às narrativas dos presentes.

Cientes disso, pontua-se que o presente texto se pautou em experiências de ingressantes do curso de Pedagogia em uma universidade pública. Neste sentido:

[...] espaço social se retraduz no espaço físico, mas sempre de maneira mais ou menos confusa: o poder sobre o espaço que a posse do capital proporciona, sob suas diferentes espécies, se manifesta no espaço físico apropriado sob a forma de uma certa relação entre a estrutura espacial da distribuição dos agentes e a estrutura espacial da distribuição dos bens ou dos serviços, privados ou públicos [...] (BOURDIEU, 1997, p.160).

Diante das presenças no espaço físico e social durante o período de matrícula no curso de Pedagogia, na XXXX, num contexto de esvaziamentos, tornou-se interessante reconhecer as relações estabelecidas com o espaço universitário dentre as estudantes ingressantes no ensino superior, numa universidade pública.

Estudantes do curso de Pedagogia na XXXX buscariam, centralmente, um diploma num curso Superior para ingresso no mercado de trabalho (considerando o contexto social de elevados custos de vida)? Quais aspectos foram identificados como relevantes para efetivar a matrícula no curso de Pedagogia? Como o acesso à educação superior pública, por meio do ingresso no curso de pedagogia na XXXX, se relaciona às trajetórias e aos perfis das/os ingressantes?

2 MÉTODO

Esta investigação norteou-se pelos princípios da pesquisa qualitativa. Bogdan e Biklen (1994) explicitam que esta rompeu com a unilateralidade de questões dominadas pela mensuração, focou na descrição, na indução e no estudo de percepções pessoais.

Apesar de construir dados numa escala individual, baseada em relatos, entende-se que os mesmos estão contextualizados num momento histórico e social, são partilhados por pessoas que ocupam um determinado espaço físico e social. No livro: “A miséria do mundo”, Bourdieu (1997) e seus colaboradores, apresentam entrevistas com pessoas anônimas, a partir de um bairro de periferia na França, conectadas, de certa forma, por mazelas sociais distintas e, ao mesmo tempo, aproximadas, compondo experiências biográficas individuais, logo também coletivas e contextualizadas.

O presente estudo envolveu o convite a 130 ingressantes⁵ para responderem ao formulário⁶, disponibilizado em plataforma digital e previamente elaborado pelas professoras responsáveis pela disciplina de Sociologia da Educação, do curso de Pedagogia, Universidade Federal XXXX. Este convite foi feito em sala de aula, no primeiro dia, após a apresentação do plano de ensino e diálogo sobre o mesmo. O formulário ficou disponível por sete dias e abarcou questões abertas, fechadas e mistas sobre o perfil dos ingressantes, suas trajetórias escolares, a relação com o conhecimento e as expectativas com o ingresso na universidade.

Participaram da pesquisa 80 estudantes, 45 matriculados no período noturno e 35, matutino, aproximadamente 59% dos sujeitos investigados tinham entre 17 a 19 anos, 20% apontaram ter entre 20 a 25 anos, 9% relataram contar com 26 a 30 anos e os demais anunciaram idades diversas contidas entre 31 a 50 anos de idade. Majoritariamente, identificaram-se como gênero feminino, 92,5%⁷. O grupo era composto ainda por cinco estudantes que se reconheceram como gênero masculino e um sujeito se reconheceu como não-binário. Além disso, 36 estudantes se auto-identificaram como pardos, 34 como brancos, nove como negros e um como asiático, nenhum indígena⁸.

O perfil dos estudantes que participaram da pesquisa acompanha o perfil nacional em que se destaca o expressivo percentual de mulheres, como indica o Mapa do Ensino Superior no Brasil (SEMESP, 2020). Outros estudos (GATTI, BARRETO, 2009; DABOÍN, RIBEIRO, 2019) também sinalizam à importância dos marcadores étnico-racial, geracional e de renda na composição deste perfil, sobretudo a partir de 2007/2008, com a expansão das universidades públicas e uma maior democratização do acesso ao ensino superior por meio da implantação de políticas de ações afirmativas.

Por fim, torna-se importante sinalizar que os dados originados dos formulários foram lidos e relidos, retomados em diferentes momentos durante o processo de construção deste texto. A partir das perguntas norteadoras, buscou-se entender as narrativas construídas pelas ingressantes do curso para compreender a “escolha” do ensino superior.

⁵ Importante ponderar que há 150 estudantes matriculados nas disciplinas de Sociologia da Educação, distribuídos em quatro turmas: duas no período matutino com 40 alunos cada e duas turmas no noturno com 35 cada. No entanto, no primeiro dia de aula, nem todos estiveram presentes.

⁶ <https://forms.gle/mjYqQGPN3Nufy1699>

⁷ Por esse motivo, usamos pronomes no feminino.

⁸ Uma falha identificada, posteriormente, na elaboração do formulário foi a não inclusão da opção quilombola. O que seria revisto para a organização de futuros instrumentos de coleta de dados.



3 RESULTADOS

O ingresso num curso superior mobiliza diferentes sentidos, experiências, relações vividas, etnia, gênero, idade, condições sociais objetivas. O processo de “escolha” de uma profissão se relaciona com a representação social construída sobre a mesma.

Os dados identificados neste artigo se conectam a outros estudos também atentos aos critérios de “escolha” do curso de Pedagogia, como em Nogueira e Pereira (2010) que anunciaram complexidades neste processo, sobretudo, ao acompanharem um recorte de oito estudantes da Pedagogia, as quais detinham um perfil econômico privilegiado, com possibilidades de escolher cursos mais disputados e mais valorizados socialmente e optaram por tal formação, explicitando influências de experiências positivas enquanto alunas, vivências significativas como “docentes” ou por se identificar com a área da educação. Inclusive, inspirações a partir de laços familiares, de amizade, admiração e respeito por pessoas que atuavam na área, foram fundamentais neste processo.

Quadro 1: Critérios para escolha do curso de Pedagogia.

Critérios	Ingressantes
Inspiração em familiares e professores	28
Vocação	21
Mercado de trabalho	12
Nota acessível para ingresso em Universidade Pública	9
Atuar para transformação social	2
Outros	8

Fonte: Formulário (arquivo pessoal).

Quando as estudantes do curso de Pedagogia foram questionadas sobre a escolha do curso, 21 delas (26%) afirmaram que o fizeram por reconhecerem uma “vocação” nesta área. No entanto, torna-se indispensável questionar o que seria vocação para a docência? Quais atributos e habilidades seriam reconhecidos como “dons naturais” para ser professora? Embora essas questões não tenham sido propostas no formulário, foram discursivamente abordadas pelas participantes da pesquisa, por exemplo, ao associarem, em alguns casos, vocação com habilidades junto às crianças do convívio familiar: filhos, irmãos e sobrinhos. Segundo Yannoulas (2011), seria comum ao exercício de ocupações



“feminilizadas” compreender a enfermagem e a docência, por exemplo, atreladas ao exercício da maternidade e do cuidado não remunerado.

Importante destacar que no Brasil, a feminização da docência do ensino primário se desenvolve a partir de um longo processo que tem início na segunda metade do século XIX com as escolas de improviso e se solidifica junto a expansão de vagas em tal nível de ensino, já no século XX. (VIANNA, 2013). Atributos relacionados ao cuidado, à afetividade e à criatividade, defendidos como naturalmente femininos, passaram a constituir o *éthos* da docência nos anos iniciais, momento em que o afeto passa a ser considerado pelas teorias psicológicas e pedagógicas como facilitador da aprendizagem. (YANNOULAS, 2011).

A feminização do magistério no Brasil apresenta ainda facetas relacionadas às condições de trabalho docente em que se destaca o rebaixamento salarial e a estratificação sexual da carreira docente. (VIANNA, 2013). As funções com maior remuneração e prestígio social são assumidas pelos poucos homens presentes na ocupação.

Se por um lado, significados depreciativos sobre a docência, associados ao seu baixo *status* social e de remuneração, costumam ser sustentados no imaginário social brasileiro; sentidos relacionados à possibilidade de contribuir com a mudança social, por meio da educação, são identificados em pesquisas sobre a temática. (BRANDÃO; PARDO, 2016).

A compreensão de um papel transformador da educação foi citado por duas participantes da pesquisa: “Querer contribuir com uma das poucas coisas que me dá esperança no mundo” (Estudante 69, 17 a 19 anos, 2022). “Expectativa para contribuir com a formação da sociedade futura através da educação” (Estudante, 62, 17 a 19 anos, 2022).

Embora o papel transformador da educação tenha sido reconhecido diretamente por duas ingressantes, ele apareceu nos registros de outras estudantes, perpassados pelo papel social da docência e seu potencial transformador como um espaço narrativo importante. Os relatos indicam consciência social do “lugar de onde falamos”, das ausências e dos desafios que precisam ser transpostos. Ao olharem para esse lugar da falta e do dever ser, reconhecem-se e estranham-se, num processo em que as possibilidades de agência são postas a partir das experiências objetivas e subjetivas com o saber. Isso fica evidente através do relato de uma das estudantes:

Venho de uma pequena cidade do estado de Goiás, e do maior Quilombo do Brasil. Percebo que só a Educação é capaz de transformar as pessoas e a

sociedade como um todo. A Educação sempre esteve presente na minha vida, apesar das dificuldades enfrentadas por políticas públicas nas comunidades do Quilombo. Percebe-se, que muitas coisas foram e estão se transformando através da Educação. Como diz Paulo: “A Educação não muda o mundo. A Educação muda as pessoas e as pessoas transformam o mundo”. (Estudante 41, 25 a 30 anos, 2022).

A minha vida escolar foi marcada por professores de humanas incríveis que me inspiraram sempre a buscar o conhecimento, não para cessar dúvidas, mas para continuar buscando-o mais e mais. Por isso escolhi esse curso, faço faculdade de história também e espero dar um sentido para as disciplinas e acabar com a famigerada pergunta dos alunos “por que tenho que estudar essa matéria?” - me tornando uma professora competente e transformadora da educação bancária, mencionada por Paulo Freire. (Estudante 29, 17 a 19 anos, 2022).

Algo que me incentivou a adentrar esta nova experiência foi o incentivo direto da minha família, devido a falta de ensino superior da parte deles. Na minha trajetória escolar o que mais me incentiva é a vontade de mudar a realidade educacional que já presenciei como forma de tornar mais real um ensino superior para pessoas com rendas igualitárias ou coincidentes a minha. (Estudante 33, 17 a 19 anos, 2022).

Ver na escola a descoberta do eu. Ampliando minha visão de mundo. A necessidade de ampliar meu conhecimento assim como a importância de afetar o próximo com a troca de conhecimento. (Estudante 59, 39 anos, 2022).

Para 28 ingressantes, o que corresponderia a 35% das participantes do estudo, a escolha do curso ocorreu por se inspirarem em familiares e professores que conheceram ao longo da trajetória escolar. Os demais indicaram outras questões envolvidas na escolha do curso, mas estas não se distanciaram das opções previamente disponíveis. Estiveram associadas à junção de mais de uma das opções, como: “Escolhi o curso de pedagogia, por incentivo da minha mãe, além de ser uma nota acessível. E acredito que será uma ótima entrada e experiência de nível superior.” (Estudante 71, 17 a 19 anos, 2022). Ou, a partir de inspirações e experiências prévias com o ensino: “Escolhi por inspiração por parte de familiares e por ter gostado de trabalhar com crianças enquanto dava aulas de música e reforço escolar”. (Estudante 4, 17 a 19 anos, 2022).

Pondera-se que no caso da “escolha” pelo curso de Pedagogia, o mercado de trabalho foi um critério considerado por 12 estudantes (15%), para 9 sujeitos (11%), não foi uma escolha, mas sim a nota possível para acessar o ensino superior em uma Universidade Pública.

Foram analisadas também as expectativas quanto ao curso, 66,3% das respostas foram associadas a aprendizagens e conhecimentos, 26,3% afirmaram que esperavam conseguir uma posição no mercado de trabalho mais facilmente. Inclusive, indicaram que se tratava de uma oportunidade para lidar com questões pessoais, assim como, demonstraram o interesse em atuar com crianças.

Vale a pena ressaltar que embora 12 estudantes tenham referenciado que escolheram o curso de Pedagogia considerando o mercado de trabalho, 21 das ingressantes reconheceram que esta questão seria central quando questionadas sobre as expectativas construídas.

De forma geral, o ingresso ao ensino superior agrega uma perspectiva de ingresso ao mercado de trabalho, o acesso a posições sociais que não seria possível ter sem o diploma. Num contexto social de crise econômica e, recorrentemente sendo importante não romantizar a profissão, a qual requer melhores condições de trabalho e maior valorização financeira; pondera-se que o retorno financeiro pode ser, por algumas pessoas, conectado a atuação social.

[...] Estou tentando me recolocar no mercado, enxergando uma carreira não somente pelo retorno financeiro, mas também pela satisfação pessoal e necessidade de sentir que faço algo importante na vida de alguém. (Estudante 51, 23 a 25 anos, 2022).

Chamou atenção a incidência de respostas indicando a escolha do curso relacionada às experiências vividas junto a familiares e docentes, entendidos como inspiradores durante a educação básica. Visto que, tal constatação não se justifica por referências às propostas pedagógicas, mas parece se estabelecer numa tentativa de resgatar ou reviver experiências de afeto e acolhimento:

A escola e professores tiveram um importante papel na minha vida, eles não me ajudaram apenas a formar minha própria opinião, pensamento crítico e conhecimento, como também me ajudaram em momentos difíceis da minha vida pessoal. Minha professora do 5º ano do ensino fundamental foi marcante na minha vida escolar, além de ensinar muito bem ela era amiga dos alunos o que facilitava muito no dia a dia. Sempre tive contato com a pedagogia na escola e em casa, minha mãe é professora e graças a ela com o passar dos anos aprendi a ter ainda mais admiração por essa profissão. (Estudante 44, 17 a 19 anos, 2022).

Nesse relato, o destaque feito à professora na trajetória escolar, reforça a relação de proximidade percebida como amizade por parte da estudante, e de como isso tornava a permanência na escola facilitada. Somada à admiração endereçada à mãe, também professora, evidencia-se aqui uma escolha orientada pelo desejo de perpetuar uma herança no sentido bourdieusiano do termo, vivida como a recriação do ambiente escolar, como locus para (re)viver os afetos de então. Para Pierre Bourdieu (2015), o pai, ou o familiar, é sujeito e instrumento de um “projeto”, transmitido de forma inconsciente e destinado a perpetuar a linhagem.

Quando bem sucedido o projeto coloca-se em curso uma superação do pai destinado a conservá-lo, mantendo-se a ordem de sucessões, o que significa também que a identificação do filho com o desejo do pai, e logo com seu projeto, faz desse filho um

herdeiro sem história, daí, para o autor, as heranças estarem permeadas por contradições.

Sempre fui uma pessoa estudiosa e que nunca deu trabalho na escola. Além disso, minha mãe começou a dar aula aos 18 e ingressou no curso de pedagogia, na XXXX, quando estava grávida de 7 meses de mim. Brinco que é o destino, uma ligação... especialmente porque, por toda a minha vida, gostei de ensinar e sempre admirei meus professores. Quando estava com 16 anos, ao entrar no ensino médio, decidi que queria fazer pedagogia. Uma decisão que, a princípio, assustou, mas logo vi que fazia parte de mim. Quero tentar mudar o futuro e, um método de conseguir isso, é pela educação. Quero marcar positivamente a vida das pessoas como a H., minha professora de geografia do 8º ano marcou a minha. É algo que fez e faz parte da minha vida. A escola. Um local de convivências, ensinamentos e aprendizados, no qual sou grata por estar tendo a chance de nela frequentar e, acima de tudo, quero lutar para que outras pessoas tenham acesso ao mesmo direito. (Estudante 62, 17 a 19 anos, 2022).

Eu nasci assim que minha mãe se formou em pedagogia, então eu cresci dentro do ambiente escolar e quando eu entrei no ensino fundamental a escola era um ambiente muito familiar pra mim. Estudar sempre foi algo que eu gostei de fazer, sempre gostei de ir pra escola e de estar naquele ambiente. Minha relação com todas as minhas professoras sempre foi muito boa e eu sempre fui "próxima" da maioria até o final do ensino fundamental dois e sempre fui uma "boa aluna". No ensino médio a vida ficou um pouco mais corrida por causa da quantidade de disciplinas, cobranças e por conta da pandemia, mas mesmo assim em grande parte do tempo, estudar era uma espécie de "refúgio". Eu terminei o ensino médio em 2021 e uma semana antes da abertura do SISU, decidi fazer pedagogia em parte influenciada pela minha mãe e em parte porque eu gostei de um vídeo que vi sobre pedagogia hospitalar. (Estudante 37, 17 a 19 anos, 2022).

A escolha pela pedagogia que "assustou" e, no entanto, é assumida como parte de si corrobora com a noção do autor de perpetuar projetos objetivamente traçados, ou estabelecidos para e sobre nós na esfera do "semi consciente", colocaria o indivíduo frente a um dilema: realizar o sonho familiar e apagar-se, ou romper com o *conatus*, com a herança, por negação ou superação das aspirações, mas ao mesmo tempo "matar" o referente familiar. Ao dilema de ser herdado pela herança ou transgredir as ordens sucessórias, muitas respostas possíveis são dadas:

Sempre fui a aluna "destaque" da sala durante o fundamental e, por conta disso, meus familiares criaram muita expectativa pro meu futuro, durante o Ensino Médio enfrentei alguns probleminhas, mas consegui passar por cima de todos e ter boas experiências escolares (muuuuuitas ruins também). Desde pequena sonho em ser médica neurocirurgiã, mas conseguir cursar medicina em uma universidade pública é bastante difícil, ainda mais porque venho de uma família que não tem muita condição de pagar uma universidade particular e até mesmo cursinhos, esse ano tentarei o Enem pela terceira vez e sigo em busca do meu sonho. "Caí de paraquedas" no curso de Pedagogia, minha mãe trabalha na área da educação e escolhi por esse motivo e porque foi o que consegui com a minha nota, mas espero gostar enquanto estiver cursando porque acho que conhecimento e expandir "os horizontes" sempre é bom. (Estudante 36, 17 a 19 anos, 2022).

Não se trata de acionar de forma redutiva elementos da psicanálise para compreender algo tão caro ao campo sociológico, a saber, as motivações dos agentes na busca da construção das constelações de sentidos, como bem definiu Max Weber (2015). A instituição escolar cumpre, nesse caso, o papel de princípio da realidade ao confirmar ou contrariar a instituição do herdeiro e seus efeitos no destino. (BOURDIEU, 2015). É na escola que se confirmam ou negam identidades, pertencimentos, identificações, lugares no mundo.

Ser “herdado pela herança” pode significar inclusive passar longos períodos equilibrando-se entre frustrar o que se supõe serem expectativas familiares e institucionais, assumindo uma posição no “fracasso escolar” e/ou lutar para mudar sua posição ao custo altíssimo do auto sacrifício:

Eu era uma aluna mediana com dificuldades em algumas matérias específicas, mas muito da minha dificuldade vinha da falta de atenção em sala e preguiça de estudar em casa, até que no sétimo ano eu tive uma crise de ansiedade onde fui parar no hospital com o braço paralisado por conta de uma prova que era minha última chance de passar sem recuperação, depois disso eu virei uma aluna muito estudiosa por medo de passar por aquilo de novo, mas não soube o equilíbrio e acabei me cobrando muito e abrindo mão da minha saúde mental e momentos de socialização para ter notas altas que eu sentia que me definiam como pessoa, hoje apesar de ter melhorado ainda me cobro muito e tenho dificuldade de entender que não posso ser boa em todas as matérias mesmo que me esforce para isso, estudo é um dos maiores motivos da minha ansiedade, fazer terapia é algo que mudou minha vida. (Estudante 69, 17 a 19 anos, 2022).

A produção do sintoma físico frente a uma percepção de inadequação ao ambiente escolar e às expectativas familiares pode ser relacionada à escolha da Pedagogia tanto como uma forma de (re)escrita de si, como uma espécie de apaziguamento com essa herança de que trata Bourdieu (2015). Ser professora a partir dessa experiência seria recriar os caminhos do ensinar e do aprender de modo a compreender como a “última chance” se torna paralisante, definidora de quem se é, e mais que isso, quem sabe até se dar conta de que “ser boa em todas as matérias” é um critério classificatório que pouco diz sobre ensino e aprendizagem efetivamente.

Outros relatos reforçam o papel da instituição escolar enquanto espaço de (in)validação:

Em minha trajetória escolar comecei a estudar bastante nova, com três anos e sempre fui apaixonada pela posição de aluno. Meu ensino fundamental travou-se algumas lutas com relação ao bullying por sobrepeso, mas com o acompanhamento de professores e amigos meu ensino fundamental foi excepcional, um dos motivos para a escolha do curso foi a forma como esses professores foram importantes na minha trajetória e me influenciaram a ser uma boa aluna e de certa forma uma boa pessoa, estudei do 1º ano ao 9º ano em Colégio conveniado do governo e bons professores no caminho ajudaram a evitar a evasão escolar de muitos amigos. No meu ensino médio ingressei no colégio particular, estudei um ano presencialmente antes da pandemia começar e fiz o



meu 2º ano e o início do 3º ano online sempre com suporte do colégio em todos os aspectos do ensino. No 3º ano retornei presencialmente e sempre tive apoio dos professores para enfrentar a dificuldade do retorno pós-pandemia, sinto que sou privilegiada por conseguir estudar e ter apoio durante e após a pandemia. (Estudante 31, 17 a 19 anos, 2022).

A força da expressão “apaixonada pela posição de aluno” acentua o já forte componente afetivo acionado para explicar as motivações pela escolha do curso. Relaciona-se com a ideia de legado, de fazer diferença, de implicar-se. Ser boa aluna como uma prévia de ser boa pessoa, contexto em que a escola, novamente, valida modos de ser e estar no mundo, em especial neste caso em que a estudante reporta ter sido vítima de *bullying*. Os veredictos das instituições de ensino, expressão de Bourdieu (2015), asseguraram a essa estudante que não se enquadrava à norma estética a permanência na escola, nos afastando das leituras acerca da função social da escola enquanto mera reprodutora do conhecimento arbitrário, portanto reprodutora das desigualdades. Ela se estabelece como espaço em que conhecimento disciplinar, valores e direitos humanos se fundem em amálgama, sendo impossível estabelecer fronteiras ou limites entre um e outro. Educar é também educar para vida, e é nessa referência de educador que a participante da pesquisa deseja se inscrever, percebendo no curso de Pedagogia a chance de fazê-lo.

Considerações finais

A escolha do curso de Pedagogia, conforme demonstrado, se constituiu, para essas estudantes, por caminhos diversos, dentre os quais destacamos os afetos de reconhecimento e pertencimento como centrais. Seja para recriar nessa fase experiências de acolhimento, ou para atender a uma espécie de “chamado” vocacional, está em causa a inscrição no mundo a partir de escolhas que possam ser sustentadas por essas agentes tanto no plano objetivo das relações de produção, quanto no campo das subjetividades.

As tensões envolvidas entre buscar o sustento por meio de um curso superior e a realização dos sonhos, próprios e/ou herdados, encontram na Pedagogia um ponto de equilíbrio para a maioria. Para outras revela-se um momento transitório, de espera ativa até que outras metas sejam atingidas.

O desalento, que nos instigou a ouvir sobre os sentidos e relações estabelecidas pelas agentes participantes da pesquisa, aparece indiretamente quando são acionadas noções como de familiaridade e acolhimento como significantes no processo de escolha. Frente à desagregação progressiva das noções de longo prazo e carreira no capitalismo ultra liberal, a pergunta que as participantes pareciam responder ao escolherem o curso



de Pedagogia passa por reviver lugares seguros experimentados na infância, especialmente, na vivência escolar.

Nesse sentido, a presença recorrente de mulheres inspiradoras nos relatos, familiares, educadoras, pessoas com as quais agentes se vincularam, dão notícia de como educar e cuidar seguem inseparáveis no vivido, e completamente dissociadas quando se trata do reconhecimento econômico e social da profissão docente.

REFERÊNCIAS

ANDIFES, Associação Nacional dos Dirigentes do Ensino Superior. V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES – 2018. **Fórum Nacional de Pró Reitores - FONAPRACE**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf> . Acesso em: 24 de agosto de 2023.

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. As contradições da herança. In.: BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2015.

BOURDIEU, Pierre (coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRANDÃO, Denise Freitas e PARDO, Maria Benedita L. O interesse de estudantes de pedagogia pela docência. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 313-329, abr./jun. 2016.

BRASIL. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: PNAD: microdados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

DABOÍN, Maria M. e RIBEIRO, Marinalva L. O perfil dos estudantes ingressantes no curso de Pedagogia. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 30, n.1, p.312-.326, Março/Dez., 2019.

GATTI, B. A. e BARRETO, E. S. (Org.). **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009.

GOMES, Candido Alberto et al. Education during and after the pandemics. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v.29, n.112, p. 574-594, jul./set. 2021.

MATTEI, Lauro e HEINEN, Vicente L. Impactos da crise da Covid-19 no mercado de trabalho brasileiro. **Revista de Economia Política**, vol. 40, nº 4, pp. 647-668, out./dez. 2020.



NOGUEIRA, C. M. M.; PEREIRA, F. G. . O gosto e as condições de sua realização: a escolha por pedagogia entre estudantes com perfil social e escolar mais elevado. **Educação em Revista**, v. 26, n. 3, p. 15-38, dez. 2010.

SEMESP, Instituto. **Mapa do ensino superior no Brasil**. São Paulo: SEMESP, 2020.

VIANNA, Claudia P. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, Silvia C. (Org.).

Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília, DF: Abaré, 2013. p. 159-180

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Volume 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015.

YANNOULAS, Silvia C. Feminização ou Feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. **Temporalis**, Brasília (DF), ano 11, n.22, p.271-292, jul./dez. 2011.

